

capítulo 1

QUE TURMA MAIS MALUCA,

AQUELA TURMA DA TIJUCA

o início



Rua da Tijuca da década de 40, palco da infância de Erasmo.





Com 10 anos, na rua Professor Gabizo, a caminho do baile carnavalesco do America Football Club: “Odiei essa fantasia de índio. Como era emprestada, não podia sentar, pois quebraria as penas.”

PROFESSOR GABIZO, 108

Minha infância e início da adolescência foram passados na rua do Matoso – primeiro no número 113, e depois no 102 (Vila Matoso), na casa 21. Mas quando penso naqueles meus anos de Tijuca, o primeiro cenário que costuma vir à minha mente é a casa dos padrinhos da minha mãe, o número 108 da rua Professor Gabizo, onde fomos morar num quarto alugado, na segunda metade dos anos 50, quando ela se separou do meu padrasto Augusto. Era um casarão antigo, meio sombrio, com azulejos coloniais, uma confortável banheira com pés, tetos descascados e úmidos devido a infiltrações e cozinha com fogão a lenha. Tinha o pé-direito alto, paredes forradas com motivos florais, um candelabro sinistro e um assoalho de tábuas corridas com cupins e pulgas, muitas pulgas.

A entrada principal se dava por um portão lateral. Um corredor descampado dava acesso aos fundos, onde reinava imponente a frondosa mangueira do vizinho, que cresceu inclinada para o nosso lado do muro e por isso enchia de mangas o nosso quintal. Assim vivíamos, pobres e felizes, em perfeita harmonia com gatos, um cágado, quinze periquitos e as outras onze pessoas que também moravam lá.

Minha mãe, Maria Diva Esteves, era assistente de enfermagem do Samdu (Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência, órgão criado pela Previdência Social). A juventude começava a respirar o rock and roll, que já tomara conta de mim. Passava os dias ouvindo rádio, recortando fotos dos artistas e colando em álbuns, colecionando letras de músicas que vivia assoviando e cantarolando pelos cantos: *“You ain’t nothing but a hound dog/ Cryin’ all the time/ Well, you ain’t never caught a rabbit/ And you ain’t no friend of mine.”*

É DO CARECA QUE ELAS GOSTAM MAIS

Antes da descoberta do rock, as meninas reinavam sozinhas nos meus pensamentos. As irmãs Célia Regina e Célia Maria, por exemplo. Minhas vizi-

nhas da rua do Matoso, Célia Regina era um pudim de caramelo e Célia Maria, uma gelatina de framboesa. Apetitosas e vitaminadas, elas moravam no sobrado de uma serralheria. Suas presenças na janela provocavam torcicolo nos passageiros do bonde e nos transeuntes, hipnotizados pela visão daqueles doces maravilhosos.

Eu tinha de 16 para 17 anos. Elas deviam ter 17 e 18, respectivamente. Eram recatadas e intocáveis devido ao policiamento rígido e implacável dos pais. Ao saírem à rua, sempre acompanhadas por eles, andavam invariavelmente em linha reta, como militares treinados. O máximo que algum de nós conseguia era um sorriso educado como cumprimento. Mas, assim que passavam por nós, vupt!, nossos olhares se grudavam em seus corpos, ofuscados pelo volume dos pudicos vestidinhos da época, dando asas à nossa imaginação.

Numa bela noite, quando jogávamos porrinha tranquilamente, conversando alto, soltando gargalhadas exageradas e falando os palavrões costumeiros, eis que vimos, com espanto, na penumbra da esquina do Beco do Mota, uma cena impactante: a família das Célias passava por nós bem vestida como se viesse de uma festa, andando descontraidamente em ziguezague, o que jamais tínhamos visto. E ainda havia um atordoante detalhe: o pai vinha na frente de braços dados com a mulher e com Célia Regina, enquanto Célia Maria caminhava atrás, ostensivamente feliz, como Doris Day no filme *Um Pijama para Dois*, de mãos dadas com um... CARECA!

Era demais! Como suportar tamanha afronta? Estávamos preparados para tudo, menos para aquilo. Um careca... E, ainda por cima, aparentando uns 30 anos. Um velho com o dobro da nossa idade. Que castigo. A porrinha parou na hora e um silêncio sepulcral fez calar a algazarra. Não poderíamos permitir que aquele intruso degustasse nossas delícias assim, sem levar um troco.

Nossa cúpula teria trabalho naquela noite. Várias cabeças indignadas não dormiriam, começando a pensar nas possibilidades e na extensão da nossa vingança. Os dias seguintes foram humilhantes para nós. Tornou-se

rotina o namoro dos dois no portão, enquanto papai, mamãe e a irmã torciam na janela do sobrado. Como optamos pela não violência, começamos a executar, então, o plano B.

Primeiramente, dividimos as tarefas entre nós. Eu ficaria encarregado de roubar sobras de giz no colégio. Renato Caravita entraria com o telefone, fundamental para nossos intentos malignos — ele era o único de nós que tinha um aparelho. Édson Trindade, que era amigo do filho do dono de uma gráfica de fundo de quintal, ficaria responsável pela impressão dos folhetos. Tim Maia conseguiria tinta branca e preta. Raul faria cola de maisena. Arlênio e China, que tinham letra boa, escreveriam cartas. Paçoca coordenaria os horários de ação. Pinto Nu, Adílson, Zé Carlos, Nenéo e Zé Martins dariam apoio. Seria uma represália coletiva e anônima.

A primeira investida em massa começou na madrugada. Colamos cartazes e fizemos pichações por toda a rua na calada da noite. Os dizeres variavam: “Cuidado com o Careca!”, “O Careca vem aí!”, “O Careca é careca”... Nada escapava de nossa sanha vingativa: portas de loja, postes, muros, árvores, marquises, bondes. Escrevemos até no asfalto da rua, bem em frente à casa delas, com tinta branca e letras enormes, para que nossa “arte” fosse vista da janela.

No dia seguinte, era Careca por tudo que era canto. As pessoas ficaram curiosas e os comerciantes locais, logicamente, irritadíssimos ao verem a fachada de suas lojas pichadas. Nossa postura era a de cara de pau ao extremo. Nada vimos e nada sabíamos. Até participávamos da revolta, fazendo eco às perguntas:

— Quem será que fez isso? Quem é esse tal de Careca?

Mas o plano não pararia aí. A segunda investida foi escrever nos banheiros públicos, do cinema Madrid, do bar Divino e dos outros botecos da região: “O Careca é cagão!” ou “Merda não é tinta, dedo não é pincel. Quem quiser limpar a bunda, o Careca é seu papel”. Aproveitando o telefone do Renato, ligamos para os programas de rádio nos quais ouvintes podiam dedicar músicas a alguém. Pouco depois, ouvíamos o locutor falar nosso texto: “O



A primeira casa de Erasmo: “Nos sobrados geminados vizinhos, moravam amigos como Renato Caravita e Timbó, o ‘gênio’ da Timbolina.”



Careca apaixonado da rua do Matoso oferece para sua namorada Célia Maria a música *Nós os Carecas*, com os Anjos do Inferno.” Também telefonamos para a serralheria pedindo para avisar no sobrado que o Careca não poderia se encontrar com a Célia Maria naquele dia. Enviamos cartas de vários bairros da cidade dizendo que o Careca morrera. Tudo foi feito com afincos e, conforme o planejamento, a pressão foi total. Estávamos de parabéns.

Mas o tempo é o senhor da razão. Fomos chegando à conclusão de que os resultados da operação não foram nem um pouco satisfatórios. Não adiantara nada tanto trabalho. Todo nosso esforço coletivo servira apenas para fortalecer ainda mais o namoro dos dois, pois agora eles já iam ao cinema sozinhos, trocavam beijos e nem namoravam mais no portão. Os pais, solidários, já permitiam que eles entrassem em casa. O nosso plano para que ele sumisse de circulação e devolvesse Célia Maria para os nossos sonhos foi um tiro no pé. Criamos um monstro. Fizemos do Careca um ídolo.

A essa altura, todos já sabiam que éramos nós os autores daquela “campanha infernal” contra o “pobre rapaz de família, trabalhador e bem intencionado”, que só queria “cortejar a menina em paz”. As pessoas já nos olhavam com reprovação, considerando uma cafajestada de mau gosto o que fizemos. A história acabou chegando em nossos pais e a barra pesou em casa.

O Careca tomou coragem e foi falar com a gente. Estávamos mais uma vez na esquina do Beco do Mota, sem graça com a reviravolta do caso, quando ele chegou e se apresentou como Mário não-sei-de-quê, convidando o Paçoca para uma conversa particular. O ambiente se tornou tenso, ficamos preparados para o que desse e viesse. Qualquer vacilo e, vapt!, faríamos picadinho do Careca. Mas ele sabia onde estava pisando, era malandro. Chegou gentil, educado e, ainda por cima, cheio de moral, pois tinha certeza do apoio total de todas as famílias do pedaço. Conversaram uns dez minutos quando, enfim, apertaram as mãos. Paçoca se virou para nós, engoliu em seco e, com cara de injuriado/resignado, decretou:

— Olha aí, pessoal... O Careca acabou de me dizer que não levou a mal nossas brincadeiras, que não ficou com bronca da gente e pediu para darmos

um tempo nessa história de Careca. Ele vai se formar em medicina, pretende se casar com a Célia Maria e pega mal ser chamado assim. Queria pedir a vocês que, de hoje em diante, ninguém chamasse mais o Careca de Careca e, se alguém de fora chamar o Careca de Careca, a gente dá porrada. Legal?

E, abusando do cinismo, voltou-se para o Careca e encerrou:

— Vai na tua, em paz. Desculpe alguma coisa, seja feliz com a Célia Maria e tenham muitos carequinhas.

E rindo, finalizou:

— Para a gente poder chamá-los de “os filhos do dr. Careca”.

Meses depois, eu saíria da rua do Matoso e me mudaria para o quarto da rua Professor Gabizo. Nunca mais ouvi falar do Careca e acabei esquecendo-o. Mas nos anos 80, passando de carro pela Barra, vi várias pichações incríveis. Elas diziam: “A mulher do Zé faz boquete!”, “O Zé é corno!”, “O Zé dá a bunda!”... Na hora me lembrei dos anos 50 e não pude deixar de comentar com meus botões:

— Que sorte que o Careca deu!

BESOURO DE SOBREMESA

Outro episódio da minha infância contribuiria para minha aversão à política. Aconteceu no subúrbio carioca de Cordovil, onde eu passava férias duas vezes ao ano, na casa dos meus tios Alzira e Geraldo. Lá, todo político era doutor. Bastava chegar a bordo de um belo automóvel, fumando um charuto, com uma mulher boa do lado, fazendo cara de simpático e com um séquito de puxa-sacos soltando morteiros... pronto! Baixava na população local um abominável espírito subserviente que induzia as pessoas a mandarem os meninos como eu alardear pelas ruas do bairro: “Chegou o doutor fulano! Chegou o doutor fulano!” Podia ser um simples candidato, mas, com o título, ele adquiria uma aura de importância e respeitabilidade.

Eu só gostava quando um vereador que não me lembro o nome era homenageado pela comunidade. Havia distribuição de balas e doces, junto

com sanduíches de mortadela e copos de suco de groselha. Mas uma dessas comemorações se tornaria traumática para mim. Munido de uma bicicleta emprestada, fui a um futebol de várzea onde jogavam Cordovil e Brás de Pina. Durante o foguetório, após um gol do time da casa, um tiro de verdade matou uma pessoa.

Apavorado com o tumulto que se formara, deixei meu lanche para lá, peguei a bicicleta e fugi atabalhoadamente pela estrada do Quitungo, não parando para nada. No meio do caminho, no auge da velocidade, com o vento de encontro ao meu rosto e gritando adoidado devido ao pânico, engoli um besouro. Desequilibrei-me em seguida, caindo da bicicleta e me ralando todo. Na minha cabeça de menino de 9 anos, uni o vereador ao tombo e desde então passei a odiar ainda mais a política.

A CRUZ DE MALTA É O MEU PENDÃO

Com a mesma idade que passei a odiar política, comecei a amar futebol. A bola de meia foi minha primeira “bola oficial” nas peladas infantis que rolavam no chão de cimento da vila Matoso, com direito a risíveis, porém empolgadas, imitações dos locutores esportivos da época. Eu jogava e narrava ao mesmo tempo. Ary Barroso, com sua famosa gaitinha, era um dos que eu imitava. Incorporava artilheiros como Ademir Marques de Menezes na hora do gol, sempre comemorado com morteiros imaginários. De forma soprada e com emoção, emitia alto o som da letra “A”, para reproduzir o barulho da torcida ensandecida.

Eu havia sido arrebatado pela grande euforia e expectativa em torno da Copa do Mundo de 1950. Eu e a torcida do Brasil. O Rio de Janeiro, por ser a casa do Maracanã, respirava futebol. Na seleção brasileira havia um monte de jogadores do Vasco e acho que foi isso que provocou meu interesse pelo clube. Depois da derrota brasileira nessa Copa, eles voltaram para São Januário e foram campeões cariocas. A simpatia inicial foi virando admiração, até se transformar numa febre que um dia reconheci como paixão.

Um amor tão forte que, depois da minha sagrada família e da música que me guia, é o maior da minha vida.

Nas peladas com meus amigos, a bola de meia evoluiu para a de borracha e depois para a de couro com gomos, que exigia o trabalho de passar vela nos sulcos para não estragar o barbante da costura. Aprendi linha de passe, embaixadinha, roda de bobo e ataque-defesa. No Vasco, novas gerações vencedoras foram aparecendo e eu já não era mais Ademir e sim Bellini, meu grande ídolo até hoje.

A primeira vez que fui ao Maracanã, levado por seu Ângelo, meu vizinho na vila Matoso, foi um impacto. Fiquei maravilhado ao constatar que o gramado era verde, a camisa do Bangu, branca com listas vermelhas e a da Portuguesa de Desportos, verde e vermelha — acostumado a ver os jogos pela televisão em preto e branco, também na casa do seu Ângelo, jamais imaginei que ao vivo fosse tudo colorido.

Montei então um time de futebol de botão. Estava cansado dos botões convencionais de galalite com escudinho, então passei a raspar casca de coco em superfícies ásperas, até conseguir a forma arredondada desejada. Em seguida, lustrava com cera de assoalho, o que melhoraria muito seu desempenho ao deslizar. Valiam também botões de sobretudo, além de tampas de relógio de pulso, feitas de plástico transparente que eu mesmo pintava com esmalte de unha da minha mãe. As balizas eu também construía artesanalmente, cortando cabides com serra escolar Tico-Tico, pintando tudo de branco e colando redes de filó. As bolinhas podiam ser de rolhas, dadinhos, miolo de pão, papel laminado de bombom (amassado até ficar bem redondo), feltro ou botõezinhos de camisa.

Em 1956, seis anos depois daquela fatídica Copa, eu viveria um sonho. Num domingo, quando voltava do Maracanã, após um 2 a 1 do Vasco contra o Bangu, vi o ônibus do meu time parado em frente à minha casa na rua Professor Gabizo. Tomei um susto antes de me lembrar que do outro lado da rua morava o médico do Vasco, o dr. Valdir Luz. Ele havia convidado os jogadores para seu aniversário. Fiquei boquiaberto ao ver as feras que idolatrava ali, bem pertinho de mim. Bellini, Orlando, Sabará, Vavá, Valter Marciano, Pinga e ou-

tros ficaram um tempão na festa, enquanto eu, numa atitude típica de torcedor, entrei correndo em casa e pendurei minha bandeira na janela, só para eles saberem que ali morava um vascaíno. Zagallo também morava na mesma rua e todos os dias acenava para mim quando ia comprar pão na padaria.

Minha “carreira futebolística” passou pelo futebol de salão e de campo (no time da rua do Matoso e no exército), por um teste no America Football Club e pelo time da gravadora Polygram (atual Universal), até que fui proibido de praticar esportes de impacto por culpa de uma hérnia inguinal e problemas na coluna. Hoje, meus filhos e eu temos uma pequena, porém especial, coleção de camisas com autógrafos de Djalma Santos, Pelé, Zico, Roberto Dinamite, Palhinha, Mazinho, Cláudio Adão, Bebeto, Zinho, Romário, Alcir Portela, Donato, Giovane e de todo o time do Vasco de 86 (essas ganhei num show meu no qual os jogadores foram), entre outros. Tenho também uma bola cujas assinaturas o tempo apagou, mas não me importa, porque sei quem as escreveu: Evaristo de Macedo, Alcir Portela, Felipe, Héilton e Euler.

Hoje, ao marcar algum compromisso, verifico se não vai coincidir com o horário dos jogos do Vasco. Se for o caso, peço desculpas e marco outra hora. Se não houver jeito, assumo o compromisso, mas faço de tudo para não saber o resultado — gravo o jogo para ver depois. Se alguém faz algum comentário sobre o jogo, ou um rádio ou uma TV nas redondezas transmite a partida, chego a tapar os ouvidos e gritar para abafar completamente todo e qualquer som externo.

Meus três filhos herdaram a minha paixão pelo futebol mas, por um capricho dos deuses, Gil e Léo são flamenguistas e somente Gugu é vascaíno. Ele inclusive gravou comigo um samba-exaltação que fiz para o clube.¹

NOSSA SENHORA DA MATOSO

Foi por volta de 1950, aqueles tempos de besouros e botões. Minha mãe me mandou ir ao depósito do seu José comprar sabão, saponáceo, palha de aço e anil. Não sem antes recomendar que eu olhasse para os lados na hora de atravessar a rua. Afinal, eu fora atropelado um mês antes por um carro no Rio



Fazendo a primeira comunhão na Igreja de São Francisco Xavier: "Como qualquer criança, achava aquele ritual um saco. Mas fiz tudo direitinho, usando até terno. Apesar de pobre, minha mãe não abriu mão do figurino de jeito nenhum."

Comprido, quase quebrando as costelas, e ela ainda estava sob o impacto do acidente — nada grave, mas ficou o susto. Eu só pensava numa coisa: quem sabe o troco do dinheiro não daria para comprar figurinhas da bala Ruth que todos os meninos do estado da Guanabara colecionavam?

Eu gostava do depósito do seu José. Tinha um pouco de tudo. Um misto de armazém, bazar e loja de ferragens que abria ainda um espaço para que um ou outro freguês anunciasse alguma quinquilharia para vender. Mediante, é claro, uma pequena porcentagem para o bolso do seu dono.

Resolvi passar primeiro na casa de um amigo, o Renato, para irmos juntos, levando nossos álbuns para conferir as duplicatas. Tomei o cuidado de chamá-lo da porta, para evitar a agressividade do seu papagaio que vivia solto numa árvore e tinha o péssimo hábito de atacar qualquer um que ouzasse pôr a cara dentro do portão. Ele voava, palrando desbocado: “Filho da puta, filho da puta!”

Ao chegarmos perto do depósito, estranhamos o movimento. Um aglomerado de pessoas formava uma fila imensa ao longo da calçada, atrapalhando as entradas do botequim e da farmácia ao lado. Sem saber o porquê daquele burburinho, perguntei curioso a uma senhora o que se passava. Ela respondeu, deslumbrada:

— A Santa, meu filho! A Santa está lá dentro! Ela apareceu para o seu José. Entra na fila e vai lá ver.

Olhei para Renato, que estava com a boca aberta e surpreso igual a mim, e fizemos o que ela mandou. A fila se encaminhava para os fundos do depósito e, antes de chegar a minha vez, pude reparar na fisionomia das pessoas que saíam pela outra mão do pequeno corredor. Uns meio absortos, outros mexendo a boca sem emitir som, como se estivessem rezando, e ainda algumas senhoras perplexas, esbarrando em mim, afobadas e anunciando:

— Eu vi, eu vi! Era a Virgem. Ela estava sorrindo e olhando para mim, é ela! A Nossa Senhora da Matoso!

Ao chegar a minha vez, me deparei com a seguinte cena: sobre um tabuleiro de folha de flandres jazia uma grande quantidade de cera de velas

derretidas, naquele momento já seca, sobreposta em camadas, formando relevos. No resto do ambiente, várias velas acesas aumentavam o calor. Seu José, de avental branco e postura bondosa, me mandava olhar a escultura natural, me entregando uma lupa e dizendo:

— Veja como ela é linda, Erasmo. Sinto que ela quer me dizer alguma coisa. Foi por isso que ela escolheu meu depósito para aparecer.

Confesso que não vi nada. Procurei, procurei e nada. Vi, sim, algumas formas sinuosas, saliências, cores reforçadas pela iluminação das velas acesas ao redor e até contornos que poderiam sugerir uma silhueta ou um rosto, mas Nossa Senhora sorrindo para mim, neça. Ele ainda insistia dizendo para eu olhar bem, para abrir meu coração se quisesse ver. Renato também não vira nada. Fomos correndo para casa contar a novidade e esquecemos até das figurinhas.

No dia seguinte, o boato já havia ultrapassado as fronteiras da Matoso. Curiosos da Barão de Iguatemi, da Dr. Satamini, da Barão de Ubá, da Haddock Lobo e de outras vizinhanças chegavam aos borbotões. Os comentários variavam:

— O seu José disse que conversa com ela.

— Rezei para ela proteger minha filha que mora em São Paulo.

— Valha-me Nossa Senhora da Matoso, fizeti com que meu marido arranje um emprego.

— Pedi tanto para ela me ajudar a ganhar na loteria federal...

Durante uns três ou quatro dias, a coisa foi ficando pior. Seu José começou a cobrar por visita, e até minha mãe e a mãe do Renato pagaram para conferir a “aparição”. Até que estourou a bomba: os padres capuchinhos da igreja de São Sebastião não gostaram do que estava acontecendo e intervieram no local. Consideraram abuso da faculdade da fé e indução consciente para fato ilusório visando fins lucrativos. Deu polícia e o depósito fechou. Tempos depois, veio a notícia: seu José fora internado num hospital para doentes mentais. Pensei na hora:

— Não tem problema, Nossa Senhora da Matoso vai curá-lo.

PRIMEIROS TROCADOS

Sem esperar milagres da Nossa Senhora da Matoso, eu procurava arrumar um jeito de faturar algum. A primeira vez em que me lembro de ter ganhado um dinheirinho, estava na Tijuca, em 1951, aos 10 anos, vendendo revistas usadas em frente à quitanda do seu Borges, na rua do Matoso. Eu fazia uma coleta na vizinhança, contando com a boa vontade de todos, estendia folhas de jornais no chão, espalhava a mercadoria em cima e ficava esperando a freguesia comprar. *A Cena Muda, Fon-Fon, O Globo Juvenil, Gibi, O Cruzeiro, Mindinho* e *O Guri* eram algumas das ofertas do jornaleiro Erasmo.

Quando estava na casa da minha tia Alzira, em Cordovil, eu caçava e vendia rãs para servir de tira-gosto nos botequins das redondezas. Já na Professor Gabizo, a labuta era outra. Meu primo Raul era um eterno desempregado, pois sua profissão de vitrinista era ingrata — as oportunidades rareavam, concentradas no Natal, no Dia das Mães ou no Carnaval. Eu era bom de traço e metido a desenhar letras espetaculares, em perspectiva, iguais às da apresentação do filme *Ben-Hur*, o que levava meu primo a solicitar constantemente meus préstimos em troca de algum “dindin”. Sua mulher, Zuzu, era chefe das passadeiras das lojas Sloper (minha mãe chegou a ser uma delas numa época), onde trabalhava praticamente só para sustentá-lo, deixando todos os dias uma certa quantia para que fosse providenciado o jantar. O dinheiro daria, se ele não fosse viciado em apostas de cavalos e jogo do bicho. Ele contava então com as rolinhas que eu capturava no nosso quintal com meu implacável alçapão. Com elas, preparava, com muito zelo e requinte, fritadas, massas ou arroz. Ele mesmo matava e depenava, me dando uns trocados por unidade e enganando a mulher, ao servir “frango desfiado” para ela de vez em quando.

De outra feita, primo Raul arrumou um “bico” como cabo eleitoral para um candidato a deputado e contratou meus serviços para colagem de cartazes de propaganda pelo bairro. Pedi ajuda a um amigo e colamos centenas perto de casa, para dar a impressão que estavam bem distribuídos. Se ele fosse mais atento, iria três quarteirões adiante e já não encontraria mais

nenhum. Ao ver o resultado, ele se surpreendeu, elogiou e até nos recompensou, pagando além do combinado. Enfim, eu me virava.

O TRAUMA DO BIFE VOADOR

Defendia meus trocados para garantir um ou outro pequeno prazer. Minha vida não tinha luxos. Comer fora, por exemplo, era raríssimo. Uma vez na vida, outra na morte. Numa dessas vezes, com 12 anos, fui jantar com minha mãe e meu padrasto Augusto na confeitaria Cometa, localizada na esquina da rua do Matoso com a praça da Bandeira.

Embora estivesse feliz com a oportunidade, não podia expressar meu contentamento. Meu padrasto, sisudo, pecava pela insensibilidade e não admitia manifestações de nenhum tipo: “Pinto só pia no galinheiro quando o galo manda” e “Em boca fechada não entra mosca” eram algumas das suas “pérolas”. Minha mãe não dizia nada, porque levaria um pito também.

Seguia a noite nesse clima castrador quando veio o bife com fritas e arroz que pediram para mim. Lambi os beijos, arregalei os olhos e ataquei com fúria o banquete, esquecendo do mundo ao redor. Mas, ao fazer força com a faca, tentando cortar um pedaço “nervudo” do contrafilé, ele voou, ricocheteando na mesa ao lado, onde um casal jantava tranquilamente. Para piorar, a outra parte do meu bife foi ao chão, o arroz e as batatas fritas se espalharam pela mesa e o garfo derrubou meu copo de guaraná, molhando a toalha e minha mãe, que estava em frente.

O garçom correu para ajudar, mas o estrago já estava feito. Além do esporro que levei, ficaria o trauma pelo novo bife que não foi pedido. Duros tempos.

O ZUMBI DA ESCOLA

Se, em casa, a falta de grana era um problema, na escola o drama era outro — igualmente sério. Dezembro se aproximava e eu, já no ginásio (atual

segundo ciclo do ensino fundamental), iria, sem dó nem piedade, inapelavelmente, ser reprovado mais uma vez — o que aconteceu quatro vezes ao longo da minha vida escolar. Teria que ouvir a mesma piada maldita, repetida pelos meus colegas sádicos:

— Os professores gostam tanto do Erasmo que não deixaram ele passar de ano!

Com um resignado sorriso amarelo, eu engolia em seco, abafava meu grito e represava minhas lágrimas. Fora a reprise do blablablá dos professores e a humilhação de ver minhas ex-companheiras de classe, todas lindinhas e maravilhosas, agora mais adiantadas, exibidas, mascando chicletes e me discriminando pela reprovação. Sofria acuado e não podia disfarçar o ódio pelo causador renitente do meu sofrimento. Um inimigo cruel que não media esforços para me prejudicar. Ano após ano, ele infernizava a minha vida de estudante, com seu arsenal de dificuldades e um repertório interminável de artimanhas. Esse vilão nefasto era o terrível... latim.

O pior é que não adiantava desejar sua morte, porque ele já estava morto. Era um zumbi, igualzinho àqueles mortos-vivos dos filmes de terror, praga constante dos meus pesadelos. Mal dormia e já sonhava com suas declinações, regras e traduções: *ZZZZZZZZZZzzzzzzzzzz... Dominus, domini, domino, dominum, domine, domino ZZZZZZZZZZZzzzzzzzzzz... ZZZZZZZZZZZzzzzzzzzzz... Supino nominativo, ablativo ZZZZZZZZZzzzzzzzzzz... Primus, secundus, tertius, ZZZZZZZZZZZzzzzzzzzzz... Amo, amas, amat, amamus, amatis, amant...*

Eu não achava graça nenhuma naquela matéria. Não encontrava razão alguma para estudá-la. A duras penas, consegui vencê-la e seguir em frente, como fiz naquele ano. Depois, o latim se foi, mas ficou a lição que expus em *Análise Descontraída*, que gravei em 1976:

*Morro sem entender
Buscando meu tempo perdido
Estudando latim que era uma língua morta*

*Êta mundo velho
Você me parece ainda um ovo
Ou então precisa urgentemente se acabar
Pra nascer de novo*

UMA IMPERFEIÇÃO E MUITOS RISOS

Latim à parte, sexo era o grande martírio no meu início de adolescência — na verdade, a falta de sexo. A situação se tornara humilhante para mim perante meus amigos Renato Caravita e Raul, sobretudo numa certa noite de sábado. O Rio de Janeiro fervilhava de mocinhas assanhadas, enquanto eu estava sozinho, cabisbaixo e macambúzio, sentado na mesinha de um pé-sujo saboreando com tristeza uma Coca-Cola. Na mesma hora, eles desfrutavam momentos divinos de prazer num rendez-vous recém-inaugurado no Bairro de Fátima, cuja promessa era encantar os fregueses com mulheres maravilhosas a preços acessíveis.

Não era justo, eu ali deprimido no botequim, comendo manjubinhas fritas, e eles se deliciando. Fiquei delirando com minha mente tarada e desbocada de adolescente virgem, repleta de imagens pornográficas. Enquanto eu imaginava, eles faziam.

E depois, ainda tive que aturar os dois na volta, se gabando:

— A minha chupou o meu pau.

Ou:

— A minha gostou tanto de mim que na próxima vez vai me dar a bunda.

Meu sofrimento tinha que acabar. Aquela realidade cruel de só eles terem acesso ao Éden doía na minha alma, pois eu também era filho de Deus. Já na casa do Renato, na rua do Matoso, de onde iríamos em seguida para uma festa, meus pensamentos explodiram em revolta, enquanto ele e Raul, felizes e satisfeitos, desinfetavam suas regiões genitais com álcool. Resolvi

dar um basta na minha cruz e criar coragem. Afinal de contas, já estava com 15 anos. A decisão seria irreversível. No dia seguinte, reuni minha família e implorei zangado:

— Mãe, tenho que operar minha fimose!

Todos já sabiam que eu teria que operar algum dia, pois quando nasci os médicos da Pró-Matre, no bairro da Saúde, já haviam alertado para o problema. Porém, preocupados com a constante e árdua luta pela sobrevivência, esqueceram do meu crescimento e foram empurrando a cirurgia com a barriga.

Minha fimose era extrema. Dificultava a masturbação e impossibilitava a penetração, meu grande drama.

A família se movimentou, mexeu uns pauzinhos (sem trocadilho), e minha mãe conseguiu que eu operasse de graça no hospital Gaffrée e Guinle, na rua Mariz e Barros. Na operação, os médicos descobriram que, por ser dotado de forte compleição física, minha dose de anestesia teria que ser reforçada. Lembro-me de sentir dor, o que me levou a dar berros, gritar palavrões e chorar. Estagiários de Medicina que estavam na sala de cirurgia debochavam de mim, com vozes abichalhadas, me deixando ainda mais bravo:

— Olha só, a bonequinha está sentindo dorzinha, chama a mamãe dele...

Lembro-me também de sangrar muito na noite após a cirurgia, talvez pelas rudimentares técnicas hospitalares daquele longínquo 1956. Passada a tempestade, fui sendo apresentado aos poucos ao meu novo pau, contemplando seu novo formato, que mais parecia um cogumelo, analisando suas dimensões, percebendo sua sensibilidade... Comecei então a guiá-lo pela mais grandiosa e gratificante das jornadas imaginadas pelo Criador: a busca incessante do prazer divino, desbravando vales, montanhas, florestas e grutas do indispensável e inenarrável universo do corpo feminino.

Apenas uma coisa não estava nos conformes: com a extirpação do prepúcio, a cirurgia revelara uma imperfeição de nascença, quase no meio

do orifício da uretra. Uma pele atrapalhava o fluxo livre da urina, criando um esguicho lateral que me fazia mijar em “V”. Antes disso não acontecia, pois o orifício do prepúcio unificava o fluxo. Passei a ter que ficar atento na hora de direcionar o mijo na privada, para que os dois jorros saíssem no ângulo mais agudo possível, e assim não respingassem fora do vaso.

Tudo ia bem até o dia em que, ao mijar no vestiário de um campo de futebol de várzea, não tomei o devido cuidado e molhei a perna do Renato, que urinava ao lado. Dando um salto, ele esbravejou:

— Que que é isso, cara? Tá me mijando? Vira isso pra lá...

— Passei a mijar assim depois que operei a fimose — respondi, fingindo não dar a mínima importância.

Foi como assinar minha sentença de morte. Ele, como qualquer menino do mundo, jamais deixaria passar em brancas nuvens uma história daquelas. Exagerando uma cara de horror, alardeou geral:

— Pessoal, vem cá ver como o Erasmo mija engraçado — gritou e começou a rir sem parar.

A galera foi chegando e o riso, que agora era coletivo, foi aumentando. Uns já gritavam para outros garotos mais distantes:

— O Erasmo mija em “V”. O Erasmo tem um chafariz no pau.

Rapidamente, contraí a musculatura pubiana e parei de mijar. Começaram então a me jogar chuteiras, camisas e meióes e a me bater com toalhas molhadas. Saí da roda desconfiado de que eles fariam daquilo uma anedota tradicional da turma.

Não deu outra. A partir daquele dia eu não teria mais sossego. Em qualquer banheiro ou mictório que entrasse, eles fariam escândalos e algazarra fugindo de mim e ainda alertando qualquer pessoa desconhecida que estivesse por perto:

— Moço, cuidado com esse rapaz. Ele mija em “V” e vai molhar o senhor...

As meninas da turma ficaram curiosas, pois acabaram ouvindo boatos sobre a anomalia. Tive que mostrar a performance para uma garota, mijando



Foto da caderneta do Instituto Lafayette, tirada durante o 1º ano ginásial (atual 6º ano do ensino fundamental): "O corte de cabelo era na linha Príncipe Danilo, que estava na moda."

“ao vivo e a cores” para ela ver. As chacotas me acompanhariam ainda por muito tempo, até a história deixar de ser novidade. Um pouco antes da Jovem Guarda — numa viagem que fiz a Goiânia para trabalhar meu primeiro disco, *Terror dos Namorados* —, o frenético esfregar dos sexos, em deliciosos momentos de amor com uma morena da terra, fez com que a pele se rompesse, deixando livre para sempre o orifício da minha uretra. Respirei aliviado e exultei com a normalidade do meu fluxo urinário. Nunca mais mijaria em “V”.

ETERNA SENSAÇÃO DE GOL

“Casa do ócio, oficina do diabo”, diz o ditado que é uma definição precisa daquela rapaziada da Tijuca. Afinal, a falta do que fazer, principalmente nas noites de sábado, nos levava a aprontar, como quando trocávamos as letras do letreiro do Cine Madrid, reinventando o nome dos filmes. Começou quando um de nós descobriu que a própria chave de casa abria também o cadeado da porta pantográfica do cinema. E só parou no dia em que colocaram a polícia para ficar de olho nos engraçadinhos que faziam aquela sacanagem. Antes disso, porém, trocamos *Teseu e o Minotauro* por *Tesão do Mineteiro*. Criamos outras joias, como *Uma Puta em Nova York* (*Um Rei em Nova York*) e *Mogli, o Menino Viado* (*Mogli, o Menino Lobo*). Ficávamos esperando o dia amanhecer só para ver a reação das pessoas indo trabalhar.

Havia também nossa corrida do ouro — na verdade, do chumbo. Quando sabíamos que algum casarão iria ser desapropriado para demolição, ficávamos em alerta. O roubo do chumbo dos canos, dos trincos e das fechaduras renderia calças, camisas, cintos, meias e cuecas para nós, geralmente comprados na Ducal e na Adonis. Ou sapatos, mocassins de uma lojinha da rua Haddock Lobo.

Empolgados com a grana que conseguimos com a venda do chumbo “aliviado” de um velho pardieiro desocupado da rua do Matoso, resolvemos

partir para outro ramo e planejamos assaltar o bar Divino. A ideia de Renato Caravita era simples. Entraríamos no banheiro do Divino em duplas alternadas. Um tomaria conta da porta enquanto o outro subiria na privada e pegaria umas latas vistosas que ficavam perto do teto, colocando-as em seguida numa sacola da Varig (brinde da companhia aérea que era o *must* da juventude na época). Nos encontraríamos depois no beco do Mota. Não sabíamos o que havia nas latas.

Tim Maia — que era um dos maiores entusiastas de nossos “garimpos de chumbo”, por estar juntando dinheiro para ir para os Estados Unidos — pulou fora, alegando que era um roubo mixuruca. Depois do plano realizado, ele mudou de ideia e implorou para ficar com uma lata, o que acabou conseguindo. Afinal, dentro delas, descobrimos depois, havia litros de cobertura de chocolate da Kibon.

As brigas eram outra constante em nossas vidas. Brigava-se por qualquer motivo e, às vezes, por nada. Quem não podia ter um canivete igual ao do filme *Juventude Transviada* comprava uma imitação barata e ridícula no camelô da estação da Leopoldina. Eu usava um fio de aço flexível enrolado na barriga, por baixo da camisa, simulando um chicote.

A liberdade nos sorria, sem apontar limites. O rock and roll nascia e viciava nossos ouvidos, num período em que não queríamos nem sabíamos distinguir o joio do trigo. A aventura se delineava e os pesadelos também eram sonhos. Estávamos apenas aprendendo.

Tim Maia falaria daquele tempo anos depois, na música *Haddock Lobo Esquina com Matoso*, do disco *Nuvens*.²

*Haddock Lobo esquina com Matoso
Foi lá que toda confusão começou*

E foi lá que tudo começou mesmo, principalmente porque tínhamos a Lilica, que era o nosso anjo, nosso talismã e nosso tesouro. Todas as outras

turmas nos invejavam por causa dela. Era nossa mãe, irmã, filha, amiga e mulher, tendo inclusive me iniciado no maravilhoso e abençoado mundo da sacanagem, numa noite em que conseguiu se multiplicar e dividir seu corpo, beijos e abraços com dez de nós.

A notícia correu rápido: “A turma da Matoso tem uma mulher que briga, joga bola, vai à praia, solta pipa, balão, vai a festas e ao Maracanã, bebe e, ainda por cima, dá para todos eles.” Isso era muito bom, nos tornava a turma mais admirada e famosa entre todas as que frequentavam o bar Divino. Respeitávamos muito as turmas da Miguel Lemos e do edifício Camões, ambas de Copacabana, e a da praça Saens Peña, na própria Tijuca. Só que eles eram ricos, tinham carros e invadiam cinemas com motocicletas, durante a exibição de filmes como *Sementes da Violência*, que tinha *Rock Around the Clock*, com Bill Halley, na trilha sonora. Coisa distante para nós que éramos duros e andávamos a pé.

Nosso lazer incluía apostas ridículas para ver quem tinha coragem de molhar a língua na água suja do meio-fio (Tim e Trindade sempre ganhavam) ou lamber o pneu dos automóveis (só dava Tim e Trindade também). Outra diversão era telefonar aleatoriamente para números de Copacabana na esperança de que alguma madame solitária e carente atendesse, caísse no nosso papo, se apaixonasse perdidamente e nos desse boa vida para sempre. Ainda perdíamos tempo infernizando a vida do Ventania, mendigo que falava sozinho, habitava os terrenos baldios da Tijuca e que diziam ser um “neurótico da Segunda Guerra Mundial”. Quando o provocávamos, chamando-o de maluco, espantalho ou zumbi, ele corria possesso em nossa direção, atirando pedras, latas e garrafas.

Hoje, no século XXI, época de computadores, jogos virtuais, bonecos robotizados etc., não posso deixar de sentir saudades das brincadeiras aguerridas e ingênuas, como apostar corrida de palitos de fósforo, aproveitando as corredeiras que se formavam nos sulcos dos trilhos do bonde após alguma chuva forte, roubar frutas nos quintais alheios, assistir de graça aos

jogos do campeonato carioca na barreira do America Football Club, amarrar bombinhas no rabo dos gatos, caçar rãs nas valas para vender nos bares, jogar bolinhas de gude, descer ladeiras em carrinhos de rolimã feitos por nós; guerras de buscapés nas festas juninas e soldadinhos de chumbo, ioiôs e piões.

Para o exercício da minha imaginação, havia as aventuras dos meus heróis dos quadrinhos — Ferdinando Buscapé, Big Ben Bolt, Brucutu, Mut & Jeff, Tarzan, Pinduca, Pafúncio, Super-Homem, Capitão Marvel, Popeye, Fantasma, Zorro, Flash Gordon e tantos outros. Na hora de sonhar, apelava ainda para a magia dos mundos de Walt Disney e Monteiro Lobato, enquanto as fotos das misses e das vedetes na capa das revistas da época faziam a festa da minha solidão.

Cultivo também recordações marcantes das matinês do cinema Velo, na Haddock Lobo, onde minha mãe me deixava no início da sessão para me apanhar no fim. Aliás, o mesmo Velo, anos mais tarde, viraria estúdio da Atlântida Cinematográfica. Num bar perto dali, eu teria oportunidade de ver várias vezes o diretor e futuro amigo Carlos Manga tomar cafezinho, em companhia de astros famosos como Oscarito, Cyl Farney, Grande Otelo, Eliana, José Lewgoy...

A descoberta da música como novo sentido na vida de alguns de nós viria a fechar esse ciclo maravilhoso. Das tímidas serenatas que virariam sessões de rock e bossa nova nas esquinas da Barão de Ubá, beco do Mota, travessa São Vicente e Haddock Lobo ecoariam as vozes promissoras dos Snakes, do futuro luthier Antônio Pedro, Tim Maia, Jorge Ben e, em raríssimas vezes, Roberto Carlos. Na carona dos anos 60, ganhamos o mundo. O corte no dedo para unir nosso sangue era coisa do passado, mas o amor por aquela turma ficaria nas minhas veias para sempre. Como escrevi em 1984, em *Turma da Tijuca*, parceria minha com Roberto.³

*Eu era aluno do Instituto Lafayette
Naquele tempo eu já pintava o sete
(...)
Nessa eterna sensação de gol
Muitas brigas e o nascer do rock and roll*